

# A Perspectiva do Gênero e da Sexualidade no Processo de Aculturação de Estudantes Estrangeiros (as) Latino-Americanos(as)

**Roberta de Alencar Rodrigues, PUCRS,**  
raroberta@hotmail.com, Bolsista CAPES

**Marlene Neves Strey, PUCRS,**  
streymn@puccs.br, Pesquisadora CNPq

## Resumo:

A globalização impulsiona o alargamento das fronteiras, levando os indivíduos a buscarem novos horizontes em um outro país, numa cultura estrangeira. Uma das facetas da globalização é a possibilidade de experimentar a heterogeneidade da vida humana, pois, numa localidade homogênea, não há possibilidade de se deparar com a diferença humana e as situações de incerteza. Diante dessa nova realidade, a vida tradicional, como valores, ideologias e percepções de vida são questionados, possibilitando que novas identidades surjam nesse contexto de mudanças sócio-político-culturais. Nesse sentido, o presente trabalho, que faz parte de uma dissertação de mestrado em andamento, propõe-se a apresentar as percepções dos(as) estudantes estrangeiros(as) latino-americanos(as) acerca dos papéis de gênero e da sexualidade no seu país e no Brasil. Pretende-se abordar como a literatura relaciona a perspectiva do gênero no contexto migratório e definir o conceito de aculturação. Por fim, mostra-se alguns resultados já obtidos nesta investigação.

**Palavras-chave:** papéis de gênero; aculturação; estudantes estrangeiros; sexuality.

## Abstract:

The globalization spreads out the borders, making people seek new horizon in another country, in a foreign culture. One of the aspects of globalization is the possibility of experimenting the heterogeneity of human life, because in a homogeneous place there is not possibility to be in front of human's difference and uncertainty situations. Because of this new reality, the traditional life, as values, ideologies and life's perceptions are discussed, letting that new identities emerge in this context of social, economical and political changes. In this work, that takes part of one master dissertation, we will show some perceptions of Latin America foreign students about gender roles and sexuality in their country and in Brazil. We will present

how the literature relates the gender concept to the migratory context and we will define acculturation. At the end, some results of this investigation are described.

**Keywords:** gender; acculturation; foreign students; sexuality.

A globalização impulsiona o alargamento das fronteiras, facilitando o trânsito de pessoas através de acordos governamentais como o Mercosul e o Conesul. A partir desses Convênios entre o Brasil e alguns países da América Latina, houve o aumento da imigração latino-americana no Rio Grande do Sul. Zamberlan (2005), em entrevista ao jornal *Correio do Povo*, revela que, em 1940, 70,84% dos(as) imigrantes que viviam no Rio Grande do Sul eram europeus e européias e 26,28% latino-americanos(as) e, já no ano 2000, os(as) latinos(as) representavam 60,39% desse universo. A constatação desse índice nos leva a pensar como se dá a inserção dos nossos "vizinhos" e "vizinhas" na cultura brasileira, que, apesar de ser também uma cultura latino-americana, isso nem sempre, segundo Pacelli (2005), garante proximidade relacional.

Sabendo que o contato entre grupos culturais diferentes promove mudanças em ambos os grupos, o objetivo deste trabalho é investigar as transformações ocorridas no grupo de universitários(as) estrangeiros(as) latino-americanos(as) após a inserção na cultura brasileira, dentro de um ambiente educacional. A mudança para um outro país implica que os valores, as crenças e os costumes dos(as) imigrantes sejam desafiados (DEBIAGGI, 2002). Neste estudo, busca-se explicitar a percepção dos(as) participantes sobre as concepções de gênero no seu país de origem e no Brasil, tendo em vista que os papéis de gênero são um importante valor que os indivíduos questionam ao se depararem com um outro contexto cultural.

Esta pesquisa é qualitativa e exploratória, e faz parte de uma dissertação de mestrado que está em

andamento. Por isso, no presente trabalho, pretende-se abordar como a literatura relaciona a perspectiva do gênero no contexto migratório e definir o conceito de aculturação. Como a coleta desta pesquisa não está concluída, apresentaremos somente os dados obtidos nas entrevistas já realizadas e, por fim, incitamos algumas considerações suscitadas no processo de pesquisa de campo e levantamento bibliográfico.

### **O olhar do gênero no contexto migratório**

A presença feminina no contexto migratório é omitida nos primeiros estudos migratórios, pois esses seguiram o legado da história de retratar a vida dos homens como a norma. O padrão das pesquisas históricas era orientado por valores tradicionais e patriarcais, levando o registro da vida das mulheres imigrantes a ser limitado à posição de membro da família e deixando de considerar outros aspectos, como a relação entre a vida doméstica e a vida pública e a percepção delas em relação ao seu mundo. Assim, identifica-se que a trajetória de mulheres imigrantes esteve sujeita às interpretações e representações de historiadores que ocultaram a mulher como sujeito, prescrevendo valores diferentes ao feminino e ao masculino (COLLING, 2004).

Na Sociologia, a preocupação com a questão de mulheres imigrantes foi a partir do movimento feminista no final dos anos 60, pois, segundo Bilac (1995), essa mobilização das mulheres possibilitou que qualquer tema referente às mulheres assumisse visibilidade. As pesquisas sociológicas têm revelado os papéis das mulheres imigrantes em manter antigas redes de parentesco com o país de origem e estabelecer novas vizinhanças.

Também a Antropologia tem procurado explicar como as mulheres atuam no processo migratório. Nesse campo, as pesquisas têm se interessado pelos desafios impostos pela imigração na vida das mulheres, desvelando os diferentes efeitos produzidos na trajetória de vida de homens e mulheres decorrentes da experiência migratória. De acordo com Brettel e DeBerjeois (1992), essa perspectiva teórica passa a questionar concepções legitimadas do que é ser mulher e homem, bem como outros aspectos da cultura que os(as) imigrantes trazem consigo.

Considerando que a cultura influencia o comportamento (BERRY, POORTINGA, SEGALL e DASEN, 2003), a Psicologia toma como um de seus objetos de estudo os atravessamentos da nova cultura decorrente da imigração nos papéis sociais de gênero (ESPIN, 1987; FELDMAN-BIANCO e HUSE, 1995; BARAJAS E PIERCE, 2001; FLEISCHER, 2002; ZENTGRAF, 2002; DEBIAGGI, 2003; ASSIS, 2004). Entende-se o conceito de gênero como uma categoria construída por atravessamentos sociais, históricos e culturais (DEBIAGGI, 2003). Isso implica dizer que são as imagens prescritas pela sociedade de como homens e mulheres devem ser (STREY, 2001). Desse modo, os papéis de gênero não são fixos e mudam conforme as

necessidades da sociedade, levando as pessoas a interagirem de acordo com as prescrições do que é apropriado para homens e mulheres (DEBIAGGI, 2002).

Os Estudos de Gênero consideram os papéis de gênero como as crenças culturais sobre como homens e mulheres devem se comportar e dividem os papéis em tradicionais e liberais (DEBIAGGI, 2002). Um maior exercício de poder delegado à esfera masculina e a submissão das mulheres à autoridade masculina (COLLING, 2004) são características dos papéis tradicionais. Em consequência disso, as mulheres são relegadas ao espaço privado, cuidando dos filhos e do lar, sendo reforçadas nelas as características relativas à expressão de afeto e de amor. Por outro lado, os homens são encorajados a serem os provedores econômicos, a conquistarem o espaço público, a trabalharem e a exibirem sua força física, intelectual e econômica. Já os papéis de gênero liberais enfatizam a igualdade na divisão das responsabilidades domésticas e financeiras entre homens e mulheres e estimulam o desenvolvimento de carreira e talentos das mulheres (DEBIAGGI, 2002). Nessa perspectiva, esses papéis liberais incentivam o desenvolvimento da capacidade de expressão de afetos nos homens e estimulam as mulheres a não se submeter à autoridade masculina.

Oliva Espin (1987) pesquisou mulheres latino-americanas em processo psicoterapêutico nos Estados Unidos, verificando conflitos familiares gerados pela migração. Os resultados sinalizam que o ingresso da mulher no mercado de trabalho americano desestabiliza a autoridade do homem. A autonomia experimentada pelas mulheres decorrente da imigração e a consequente autoridade masculina questionada foi objeto de reflexão também na pesquisa de Assis (2004) com famílias brasileiras nos Estados Unidos. Para essa pesquisadora, o processo migratório contribui para novos (re)arranjos familiares, não podendo ser tomado como algo destruidor. A oportunidade de migrar sozinha foi considerada como uma facilidade de obter mais flexibilidade em encontrar novos padrões de comportamento (ESPIN, 1987).

Feldman-Bianco e Huse (1995) investigaram duas gerações de mulheres portuguesas no contexto de imigração em Massachusetts, Estados Unidos, no qual foi possível verificar como essas imigrantes percebem e confrontam os valores culturais contrastantes referentes ao gênero. Diante dos resultados dessa pesquisa, pode-se observar que as mulheres que migraram mais jovens tendem a revisar os valores culturais, buscando a reconstrução do gênero feminino e escolhendo, na maioria das vezes, a identidade americana, pois percebem a constituição do gênero feminino nos Açores como estático e fixado por limites rígidos.

Fleischer (2002) toma a perspectiva de gênero no seu estudo com faxineiras brasileiras em Boston, Estados Unidos. Nesse trabalho, essa autora reitera as mudanças nos papéis de gênero conquistadas por essas brasileiras que, em solo americano, vislumbram

igualitarismo nas relações conjugais e subversão do papel passivo. Os resultados de Zentgraf (2002) condizem com os de Fleischer, pois, ao investigar aspectos positivos e negativos das vidas de 25 mulheres imigrantes salvadorenhas nos Estados Unidos, revela que essas mulheres alcançam poder decisório, controle das despesas domésticas e contribuem no orçamento familiar.

DeBiaggi (2003) pesquisou 50 famílias imigrantes brasileiras em Boston, Estados Unidos, procurando analisar minuciosamente o impacto do processo de aculturação na relação conjugal. Como resultados, constataram-se mudanças nas relações de gênero, porque as mulheres passam a dividir as tarefas domésticas com seus maridos ao sair de casa para trabalhar. Esses homens imigrantes brasileiros, além de dividirem as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos, mostram-se mais expressivos no relacionamento conjugal. Margolis (1994, p. 238) realizou um estudo etnográfico também com brasileiros(as) nos Estados Unidos, evidenciando que muitos casamentos terminaram após a mudança para Nova Iorque, pois as mulheres que começam a trabalhar se tornam menos dependentes dos homens, promovendo a renegociação do trabalho doméstico e, como bem assinala a autora, essas mudanças constituem “um questionamento à ideologia patriarcal”.

### **Aculturação**

Muitos estudos em Psicologia Intercultural se preocupam em compreender a manifestação da variedade do comportamento humano na adaptação a contextos culturais diferentes. O desafio dessa disciplina está em identificar os fatores que facilitam a adaptação numa cultura estrangeira, a fim de promover o bem-estar de imigrantes (DOVIDIO E ESSES, 2001). Nesse intuito, o papel da Psicologia, segundo esses(as) autores(as), é entender os processos psicológicos associados com a imigração, uma vez que mudar para outro país envolve mudanças na linguagem e nos valores culturais.

São vários os modelos teóricos explicativos sobre aculturação desenvolvidos nos últimos vinte anos (SARRIERA ET AL., 2000). Aqui, esboçaremos alguns dos principais conceitos desse termo, que mais se aproximam dos objetivos desta pesquisa.

O conceito de aculturação é descrito inicialmente por Redfield, Linton e Herskovits (apud SAM and BERRY, 1997, p.293) como “fenômeno que resulta quando grupos de indivíduos tendo diferentes culturas têm primeiro contato com mudanças subseqüentes no padrão original cultural”. Apesar de consistir num construto neutro, significando que a mudança ocorre em ambos os grupos, Sam e Berry (1997) destacam que nem sempre isso acontece, pois geralmente a mudança é maior num dos grupos. Por isso, Berry (2001) afirma que essas experiências de contato cultural geram maior impacto nos membros do grupo cultural não-dominante.

Para Sam e Berry (1997) e Berry, Poortinga, Segall e Dasen (2003), o termo aculturação envolve as mudanças culturais resultantes do encontro entre grupos com bagagens culturais diferentes. Em outras palavras, Sarriera et al (2000, p.179) compreendem a aculturação como “o processo que acontece quando pessoas ou grupos, procedentes de diferentes contextos culturais, entram em contexto regular com outra cultura no meio da qual têm que refazer suas vidas”.

Os aspectos que abrangem o processo de aculturação são, segundo Sam e Berry (1997), a manutenção cultural (em que grau a identidade cultural é preservada) e o contato e a participação (em que grau os indivíduos devem se tornar envolvidos em outros grupos culturais). Da mesma forma, Berry, Poortinga, Segall e Dasen (2003), descrevem dois componentes envolvidos no processo de aculturação: desprendimento cultural e aprendizado cultural. O primeiro refere-se à perda da cultura originária e de características comportamentais, e o segundo envolve a aquisição de novos modos para se inserir numa nova cultura.

Sam e Berry (1997) e Berry, Poortinga, Segall e Dasen (2003) construíram um modelo que oferece quatro estratégias aculturativas, considerando as dimensões da aculturação anteriormente citadas. A estratégia de assimilação é o modo como os grupos procuram não manter sua identidade cultural em prol de absorver a cultura da sociedade hospedeira. A estratégia de separação caracteriza-se, segundo Sam e Berry (1997), pelo grupo não-dominante tentar manter sua cultura original e evitar interagir com o novo ambiente cultural, consistindo no mínimo de desprendimento cultural combinado com o mínimo de aprendizado da nova cultura (BERRY, POORTINGA, SEGALL e DASEN, 2003). A terceira estratégia é a de integração, existindo o interesse em preservar a cultura original e, ao mesmo tempo, há interação com outros grupos culturais (SAM E BERRY, 1997), sendo para Berry, Poortinga, Segall e Dasen (2003) uma estratégia que requer aprendizado cultural sobre como viver numa nova sociedade associado a um desprendimento cultural mínimo das tradições de origem. Por fim, a estratégia de marginalização implica pouca possibilidade em manter a cultura de origem, bem como de entrar em contato com outros grupos culturais (SAM E BERRY, 1997). Isso significa que há o máximo desprendimento cultural vinculado a um mínimo aprendizado cultural.

Pesquisas na temática de aculturação envolvem uma série de variáveis, como gênero, idade, características de personalidade, que, na verdade, são indicadores que moderam a experiência aculturativa e adaptação (SAM E BERRY, 1997). Como a aculturação é um construto complexo, Phinney e Flores (2002) propõem examinar minuciosamente cada aspecto envolvido na aculturação para predizer atitudes tradicionais dos papéis de gênero. Esses pesquisadores consideram relevante estudar a questão do gênero no processo de aculturação, pois essas atitudes diferem

substancialmente entre os países da América Latina e os Estados Unidos. Nessa perspectiva, Phinney e Flores (2002) explicam que os papéis de gênero em culturas tradicionais são claramente definidos e diferenciados pelo sexo, delegando ao homem a autoridade. Assim, os homens assumem uma posição dominante no relacionamento conjugal, esforçam-se para manter respeito e a percepção de que eles são fortes, mais confiáveis e inteligentes do que as mulheres, tendo desde muito cedo a garantia de ter mais liberdade do que as mulheres. Em contrapartida, as mulheres são relegadas a aderir ao papel submisso.

Como os imigrantes dos países da América Latina ficam mais expostos às atitudes mais igualitárias nos Estados Unidos, Phinney e Flores (2002) procuraram elucidar os fatores que estão relacionados aos papéis de gênero no sentido de predizer tais atitudes. A partir de uma revisão bibliográfica, Phinney e Flores observaram que vários indicadores de aculturação e preditores dos papéis de gênero são correlacionados, então decidiram, no seu estudo, também fazer uma correlação bivariada entre as variáveis e uma análise regressiva múltipla dos efeitos interacionais das variáveis investigadas. A amostra desse estudo consistiu em 83 mulheres e 87 homens recrutados em comunidades e em universidades. Quanto ao instrumento, utilizaram uma escala que media as atitudes dos papéis de gênero, nível educacional, idioma, amizades e se pertenciam à primeira, segunda ou terceira geração de imigrantes.

Como achados da investigação, Phinney e Flores (2002) encontraram que maiores papéis de gênero tradicionais estão associados com menor nível educacional, pertencimento às primeiras gerações e com o fato de ser homem. Por outro lado, os papéis de gênero igualitários foram relacionados com altos níveis de educação, última geração de imigração, ser mulher, uso do inglês e não ter amigos hispânicos. Nessa perspectiva, o fator sexo provavelmente está relacionado às atitudes de igualdade de gênero, pois os homens tendem a apresentar mais papéis de gênero tradicionais do que as mulheres.

Phinney e Flores (2002) sublinham que a variável geração sozinha não é um indicador preciso de mudança aculturativa, sendo necessário relacioná-la a outros fatores como educação para predizer papéis de gênero. Nesse sentido, buscaram relacionar a variável geração com educação e sexo, constatando que, na primeira geração, se o homem e a mulher têm níveis educacionais baixos, ambos apresentarão papéis de gênero tradicionais. Entretanto, homens e mulheres que apresentam maior educação na primeira geração entram em conflito, pois os autores observaram que a tendência é o homem manter suas atitudes tradicionais, enquanto a mulher passa a assumir atitudes mais igualitárias. Em contrapartida, eles verificaram que, na terceira geração, esses conflitos desaparecem, pois homens e mulheres com maiores taxas de educação passam a ter atitudes igualitárias.

Phinney e Flores (2002) elucidaram que a presença de atitudes igualitárias está relacionada a ter amigos de outros grupos étnicos, falar inglês e ter nível educacional alto. Nesse caso, o uso do inglês e o estabelecimento de contato com não-hispânicos podem significar envolvimento com a cultura americana.

Cabrera e Padilla (2004) analisaram a trajetória acadêmica de uma estudante mexicana e um estudante mexicano na universidade de Stanford nos Estados Unidos. Através de um estudo retrospectivo e qualitativo, esses pesquisadores buscaram compreender como a casa, a família e o contexto da comunidade apoiaram esses(as) estudantes, com bagagem cultural empobrecida e condições de vida adversa, a alcançarem um ótimo desempenho acadêmico.

As experiências de vida dos(as) informantes da pesquisa de Cabrera e Padilla (2004) foram investigadas a partir de entrevistas que se centraram em aspectos como: o papel da imigração, da mãe e do pai no desenvolvimento do(a) entrevistado(a), experiências no colégio, envolvimento em atividades extracurriculares e ajustamento na vida acadêmica. A estudante pesquisada atravessou a fronteira do México com os Estados Unidos aos 4 anos de idade, e o estudante é filho de pais mexicanos. Quando crianças, os(as) participantes atuavam como tradutores do inglês para o espanhol, ajudando seus pais a se comunicarem nos Estados Unidos. Essa experiência os(as) amadureceu muito, visto que desde pequenos foram expostos às mais diversas situações para traduzirem para seus pais.

Em relação à trajetória acadêmica da participante na universidade de Stanford, Cabrera e Padilla (2004) mostram que ela não se acostumou à residência estudantil, pois os(as) outros(as) colegas com quem dividia a moradia, embora também fossem mexicanos(as), não tinham a mesma consciência política que ela. Segundo os autores, esse fato aumentou o sentimento de marginalização e alienação da participante, apesar de ela continuar determinada a concluir seus estudos na universidade de Stanford.

No que concerne ao percurso trilhado pelo participante na universidade, Cabrera e Padilla (2004) evidenciam que ele também se sentia marginalizado ao perceber que seus colegas tinham uma visão ignorante dos direitos de imigrantes. Além disso, foi alvo de preconceito na universidade, pois, como manteve o hábito de vestir calças *baggy* e camisas largas, muitas vezes, a polícia universitária o parava por nenhuma razão em virtude de não o considerar um aluno de Stanford. As dificuldades acadêmicas devido à quantidade de trabalho não o impediram de ter sucesso, pois ele se tornou mais disciplinado, apoiando-se na motivação e persistência aprendidas na família para superar os obstáculos.

Os dois casos examinados por Cabrera e Padilla (2004) revelam que a adversidade não foi razão para falhar, pois mesmo eles (as) sendo originários de circunstâncias adversas, como pobreza, pouco apoio

dos colegas, racismo, sentimento de alienação, eles(as) superaram esses múltiplos desafios para se suceder. Como estratégia de enfrentamento, os pesquisadores evidenciam que ambos os indivíduos buscaram apoio emocional na família e mostraram-se altamente motivados para persistir diante das adversidades. Além disso, a estudante mexicana buscou apoio no Centro de Serviço para estudantes latinos e também manteve contato constante com colegas do seu colégio. Ao contrário dela, o estudante mexicano tentou fazer amizades em Stanford. Em outras palavras, as duas histórias reportadas por Cabrera e Padilla (2004) desvelam que ambos(as) os(as) estudantes venceram os obstáculos a partir de estratégias de enfrentamento semelhantes, como apoio da família e motivação, porém se diferiram na medida em que a universitária buscou suporte também no Centro de Serviço para estudantes latinos, enquanto o universitário tentou estabelecer contato com colegas da faculdade.

Barajas e Pierce (2001) também pesquisaram estudantes latinos(as) numa universidade americana, mostrando que a maneira como as alunas latinas e os alunos latinos conquistaram desempenho acadêmico foi diferente, apesar de ambos(as) terem sido bem sucedidos(as). Nesse estudo, Barajas e Pierce (2001) elucidaram que as latinas usaram estratégias de enfrentamento do preconceito no meio universitário através de redes de apoio com outras latinas, enquanto os latinos transpuseram os obstáculos a partir da assimilação da cultura dominante e da competição em esportes.

Pesquisa investigou as crenças de cidadãos brasileiros, chilenos e americanos sobre as características de homens e mulheres no presente, passado e futuro (DIEKMAN, EAGLY, MLADINIC E FERREIRA, 2005). Nesse estudo, os(as) autores(as) consideraram que as crenças dos indivíduos derivam da sua posição na sociedade. Como o Brasil e o Chile têm uma história mais recente de transição para governo democrático e economia industrial do que os Estados Unidos, os pesquisadores defendem a idéia de que essa transferência de poder do regime autoritário para os(as) cidadãos(ãs) lhes estimula a consciência política e assertividade, o que significa que homens e mulheres na América Latina começam a desenvolver atributos de personalidade ditos masculinos condizentes com o novo sistema político.

Diekman, Eagly, Mladinic e Ferreira (2005) postulam que os papéis de gênero são assentados em ideologias que os legitimam. No caso da América Latina, esses teóricos explicam que a elaboração dos papéis de gênero se baseia em ideologias machistas e marianismo. O machismo enfatiza o poder masculino sobre o feminino, a força masculina, sexualidade, violência e agressão, enquanto o marianismo encoraja a piedade e o sacrifício feminino. Considerando as transformações políticas e econômicas ocorridas no Brasil e no Chile, Diekman, Eagly, Mladinic e Ferreira (2005) interessaram-se em examinar se as mudanças sociais nesses países impulsionaram também

alterações dos papéis de gênero. Para tanto, aplicaram questionários em 414 homens e 387 mulheres no Chile, 270 homens e 270 mulheres no Brasil e 286 homens e 272 mulheres nos Estados Unidos. O instrumento utilizado solicitava que cada participante estimasse uma porcentagem em diferentes períodos históricos do quanto cada profissão e cada atividade doméstica listadas são características de homens e do quanto são de mulheres.

Como resultados, eles encontraram que os(as) informantes de todos os países percebem o aumento das características masculinas nas mulheres e decréscimo também de características femininas nelas. A única divergência residiu no fato de que, nos Estados Unidos, os(as) participantes perceberam homens permanecendo com seus atributos, sem aumentar ou diminuir características femininas ou masculinas, enquanto, no Brasil e no Chile, os(as) informantes reportaram perceber os homens ganhando características masculinas ao longo do tempo. Em relação à interpretação desse achado, Diekman, Eagly, Mladinic e Ferreira (2005) relacionam o aumento da masculinidade em homens na América Latina à ideologia do machismo que reforça positivamente predicados masculinos.

Após visitarmos alguns contextos migratórios, visualizarmos como a perspectiva do gênero tem sido retratada e nos debruçarmos sobre alguns conceitos de aculturação, vamos agora sinalizar como a questão do gênero aparece em algumas entrevistas até agora realizadas. Assim, verificamos que (os)participantes pesquisados(as) questionam o conceito de gênero internalizado no seu país de origem após entrar em contato com a cultura brasileira. Isso implica afirmar que os papéis de gênero são percebidos como mais estereotipados no país de origem, desvelando estilos de comportamentos mais tradicionais, conforme ditames patriarcais, posto que descrevem as mulheres como mais reservadas, mais passivas, menos preocupadas com o campo profissional.

Até o presente momento, os dados obtidos desvelam a predominância de traços fortes da construção de uma masculinidade hegemônica no Brasil e no país de origem. Através de alguns depoimentos, identifica-se que a construção da masculinidade em ambos os países é pautada pela ideologia patriarcal, em que valores como trabalho e racionalidade são ligados ao reino masculino (RODRIGUES, 2003). As percepções de alguns(mas) entrevistados(as) corresponderam à formação discursiva patriarcal, que atribui maior valor aos homens por serem de caráter forte, por tomarem a iniciativa, por serem inteligentes e trabalhadores. Tanto a concepção de homem brasileiro como a concepção de homem no país de origem evidenciam que são vistos como machistas, não existindo diferenças entre eles. Desse modo, a construção da masculinidade nos países dos(as) entrevistados(as) e no Brasil ainda é calcada em concepções naturalizadas, essencialistas e homogêneas (DUTRA, 2003).

Aqui, é importante lembrar que a sexualidade do homem brasileiro em particular e o gênero, no geral, estão ligados ao comportamento sexual do brasileiro, além das representações sobre a sexualidade, que variam bastante tanto nas diferentes regiões do país, como em função da classe social e no decorrer dos vários momentos históricos pelos quais o Brasil passou. Além disso, aquilo que as representações e o discurso preconizam difere do que acontece na vida real individual (MOTA, 1998).

Entretanto, visualiza-se um papel mais liberal relacionado às brasileiras, que são vistas como mais preocupadas com a carreira profissional e o corpo. O fato de as brasileiras serem mais ativas nos relacionamentos foi visto de maneira negativa, segundo a concepção dos(as) entrevistados(as) ao se referirem a elas como mais rápidas e mais fáceis para namorar. Nesse sentido, cruzar fronteiras geográficas implica também revisar conceitos sobre ser homem e mulher, coexistindo uma tentativa de concebê-los de uma forma mais plural na medida em que é apresentada no Brasil uma nova forma de ser mulher. No entanto, ainda assim Dantas-Berger (2005, p. 417) enfatiza:

“[...] apesar da transformação recente nas atividades das mulheres na esfera pública, nas normas e até mesmo nas práticas sexuais de mulheres e homens, mantêm-se diferenças substanciais em suas visões das relações sexuais e sexualidade. Enquanto as mulheres aspiram a serem sujeitos sexuais e praticam sexo fora do casamento, elas preferem a sexualidade contextualizada no âmbito de uma relação de afeto e compromisso, iniciando processos de separação quando não estão satisfeitas com as relações. Ao mesmo tempo, nas representações masculinas, a mulher continua a ser considerada como um objeto que se deseja adquirir (e depois exibir), mais do que como um sujeito com o qual se estabelece uma relação”.

Nesse breve trânsito pelos dados, percebe-se que os(as) entrevistados(as) internalizaram conceitos do senso comum do que é ser homem e mulher. Entretanto, tiveram a oportunidade, ao narrarem suas histórias, de pensar e de (re)construir seus conceitos acerca dos papéis de gênero por meio da ação do seu discurso (COIMBRA, 2003). Percebe-se a urgência de discursos emancipatórios (DUTRA, 2003), que ofereçam alternativas ao modelo hegemônico tradicionalmente prescrito pela ordem patriarcal de concepções de ser homem e ser mulher.

## Referências

ASSIS, Gláucia. “De Criciúma para Boston”: Tecendo Redes Familiares na Migração Internacional. In:

DEBIAGGI, Sylvia; PAIVA, Geraldo (orgs). **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BARAJAS, Heidi; PIERCE, Jennifer. The significance of race and gender in school success among latinas and latinos in college. **Gender & Society**, v.15, n.6, dez, p. 859-878, 2001.

BERRY, John. A psychology of immigration. **Journal of Social Issues**, vol. 57, n. 3, pp. 615-631.

BERRY, John; POORTINGA, Ype; SEGALL, Marshall; DASEN, Pierre. **Cross-cultural psychology: Research and applications**. New York: Cambridge University Press, 2003.

BILAC, Elisabeth. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, Neide (coord). **Emigração e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Funap, 1995.

BRETTEL, Caroline; DEBERJEOIS, Patrícia. Anthropology and the Study of Immigrant Women. In: GABACCIA, Donna. **Seeking Common Ground: Multidisciplinary Studies of Immigrant Women in the United States**. Westport, Connecticut, London, Praeger, 1992.

CABRERA, Nolan; PADILLA, Amado. Entering and Succeeding in the “ Culture of College”: The Story of Two Mexican Heritage Students. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, vol. 26, n. 2, p. 152-170, 2004.

COIMBRA, Alda Maria. Histórias Contadas em sala de aula: a construção da identidade social de gênero da mulher. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Discursos de Identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COLLING, A. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: STREY, Marlene; CABEDA, Sônia; PREHN, Denise (Orgs.). **Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

DANTAS-BERGER, Sônia. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 21, n. 2, pp 417-425, 2005.

DEBIAGGI, Sylvia. **Changing gender roles: Brazilian immigrant families in the U.S.** N.Y., LFB Scholarly Publishing, 2002.

\_\_\_\_\_. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In: MARTES, Ana; FLEISCHER, Soraya (Orgs). **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DIEKMAN, Amanda; EAGLY, Alice; MLADINIC, Antônio; FERREIRA, Maria Cristina. Dynamic Stereotypes about Women and Men in Latin America and the United States. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, vol. 36, n. 2, 2005.

- DOVIDIO, John; ESSES, Victoria. Immigrants and immigration: advancing the psychological perspective. **Journal of Social Issues**, vol. 57, n. 3, p. 375-387, 2001.
- DUTRA, Flávia Silveira. Letramento e Identidade: (re)construção das identidades sociais de gênero. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Discursos de Identidades**: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- ESPIN, OLIVA. Psychological Impact of Migration on Latinas: Implications for Psychotherapeutic Practice. **Psychology of Women Quarterly**, 11, p.489-503, 1987.
- FELDMAN-BIANCO, Bela.; Huse, Donna. **Entre a saudade da Terra e a América**: mulheres imigrantes. Estudos Feministas, v.3, n.1., p.96-121, 1995.
- FLEISCHER, Soraya. **Passando a América a limpo**: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts. São Paulo: Anablume, 2002.
- MARGOLIS, Maxine. Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City. **Princeton**: Princeton University Press, 1994.
- MOTA, Murilo Peixoto. Gênero e sexualidade: fragmentos de identidade masculina nos tempos de Aids. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 14, n. 1, p. 145-155, 1998.
- PACELLI, Ademir. Migração e experiência psicopatológica: rupturas e reconstruções. In : II **Seminário do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 27 a 29/09/2005.
- PHINNEY, Jean; FLORES, Juana. "UNPACKAGING" ACCULTURATION: Aspects of Acculturation as Predictors of Traditional Sex Roles Attitudes. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, vol. 33, n. 3, 2002.
- RODRIGUES, Renata Lopes de Almeida. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Discursos de Identidades**: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- SAM, D.; BERRY, J. Acculturation and Adaptation. In: BERRY, John; SEGALL, Marshall; KAGITÇIBASI, C (edit). **Handbook of Cross-cultural Psychology: Social Behavior and Applications**, v.3, 1997.
- SARRIERA, Jorge. Educação para a Integração entre Culturas e Povos: da Aculturação para o Multiculturalismo. In: SARRIERA, Jorge (coord.). **Psicologia Comunitária**: Estudos Atuais. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- STREY, Marlene. Gênero. In: JACQUES, Maria; STREY, Marlene ( et al.). **Psicologia Social Contemporânea**: livro texto. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ZAMBERLAN, J. In: WINCK, L. Estabilizando o processo migratório no Estado. **Correio do Povo**, 22/05/2005.
- ZENTGRAF, Kristine. Immigration and Women's Empowerment: Salvadorans in Los Angeles. **Gender & Society**, v. 16, n. 5, out, 2002.